

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

A CINEMATECA COM O INDIELISBOA | 50 ANOS DE FORUM BERLINALE

28 de Agosto 2020

MES VOISINS / 1971

Realização: Med Hondo *com a participação de* trabalhadores imigrados *Fotografia* (16 mm, preto e branco, cor): F. Catonné, Denis Bertrand *Som:* Alain Contraud *Canção* (escrita, interpretada): Catherine Leforestier *Animação:* Jean-Michel Quesne, Marc Chartier.

Produção: Les Films Soleil Ô (França, 1971) *Cópia:* Arsenal, DCP (numa digitalização efectuada a partir de material 16 mm positivo dos arquivos do Arsenal e de materiais negativos do CNC, no laboratório L'Imagine Ritrovata em 2019/20) preto e branco e cores, legendada electronicamente em português, 35 minutos *Apresentado no Forum Berlinale de 1971 Inédito comercialmente em Portugal, Primeira exibição na Cinemateca.*

SOLEIL Ô / 1970

Realização, Argumento, Direcção artística: Med Hondo *Fotografia* (35 mm, preto e branco): François Catonné, Jean-Claude Rahaga *Som:* Yves Allard, Alain Contrault, Jean-Paul Loublrier *Montagem:* Michèle Masnier, Clément Menuet *Música, cânticos:* George Anderson *Percussão:* Jean Pierre Drouet *Animação:* Jean-François Laguionie *Interpretação:* Robert Liensol (o visitante), Théo Légitimus (a rapariga africana), Bernard Fresson (o amigo), Gilles Ségal, Yane Barry, Gabriel Glissand, Greg Germain, Armand Meffre, Bernard Fresson, Alfred Anou, Les black Echos, Ambroise M'Bia, Akonio Dolo, Sarah Hardenberg, Med Hondo (narrador).

Produção: Grey Films, Shango Films (Mauritânia, França, 1971) *Cópia:* Cineteca di Bologna, DCP (digitalizada numa iniciativa da World Cinema Foundation), preto e branco, legendada em inglês e electronicamente em português, 104 minutos *Estreia Mundial:* Maio de 1970, no Festival Internacional de Cinema de Cannes *Apresentado no Forum Berlinale de 1971 Estreia em França:* 4 de Janeiro de 1973 *Estreia Mundial da versão digital:* 22 de Maio de 2017, no Festival Internacional de Cinema de Cannes, "Cannes Classics" *Inédito comercialmente em Portugal, Primeira exibição na Cinemateca:* 16 de Novembro de 1995 ("Cinemas de África").

filmes de MED HONDO

*Vocês estão marcados pela civilização Ocidental. Vocês pensam branco.
Vocês têm um copo de champanhe na mão. Não têm o direito de no-lo atirar à cara.*

em SOLEIL Ô

A sessão começa em grande com o curto filme de 1971 de Med Hondo: MES VOISINS corresponde a um fragmento da longa-metragem LES BICOTS-NEGRES. VOS VOISINS (1973), concebida como um fresco que explorasse a política de habitação dos trabalhadores imigrados em Paris, e é um filme documental de invulgar poder de choque. Med Hondo pretendia realizar uma série cinematográfica na linha do cinema directo e dos "ciné-tracts" da militância francesa de 1968, série essa que ficou pelo caminho. Mas não MES VOISINS, que sai para a rua e capta fundamentalmente o testemunho de uns quantos imigrantes africanos em Paris que, falando sobre as suas vidas, revelam o racismo e a exploração laboral a que são sujeitos. Em separado, ao início, e depois em planos colectivos que vão balançando entre os protagonistas que tomam a palavra. As imagens sóbrias e duras dessas sequências, a espaços embaladas pela canção original que fala da realidade "a deux pas de chez moi", são então curto-circuitadas pela colorida explosão gráfica de uma sequência de animação sobre a qual alguém muito bem escreveu como uma síntese acabada do estado pós-colonial do mundo.

A surpresa de *MES VOISINS* chega, no entanto, logo de início. O primeiro homem do filme, Sidna, em França desde 1962, é filmado num grande plano que se vai cerrando perante a nossa incompreensão linguística (pelo menos a de boa parte de nós). Quando o plano congela, um narrador traduz em *off* as suas palavras, num procedimento que se repete em toda esta primeira sequência, suspendendo o movimento das imagens a cada vez que as suas palavras revelam a sua experiência enquanto o seu rosto se mantém em plano fixo. A simplicidade do dispositivo mantém a voz e o rosto do homem que fala, unas e dissociadas, num crescendo de gravidade. O tom perdura, como perdura a dignidade dos entrevistados, até ao travelling que recua sobre a imagem de uma porta para o raccord improvável da sequência animada de colagens gráficas que começam sobre fundo vermelho pela imagem de um sorridente Nixon. É uma espécie de posfácio que nos últimos dois minutos parodia euforicamente o triste contra-campo.

Por altura de *MES VOISINS*, Med Hondo (nascido na Mauritânia em 1936, e chegado a França “cheio de ilusões” umas duas décadas mais tarde para aí viver até à data da sua morte em 2019) já havia realizado duas curtas-metragens – *BALADE AUX SOURCES* e *PARTOUT OU PEUT-ÊTRE NULLE PART*). Numa entrevista publicada em Abril de 2018 nos *Cahiers du cinéma* (“Donner voix”) encontra-se uma boa síntese do seu percurso na primeira pessoa, mas evoque-se que por essa altura, cinéfilo, estudara arte dramática com Françoise Rosay e frequentara rodagens de filmes de Jacques Feyder, era actor, tinha começado no teatro e foi no teatro que teve a iniciativa de fundar a sua própria companhia, reagindo à constatação da norma dos papéis secundários reservados aos actores negros e dando uma segunda vida a *Les griots* (a companhia dos *Trovadores* referida na “folha” de *MONAMGABEEE* de Maldoror), como Griot-Sangho. Em 1969, levou à cena *L’Oracle*, que considerava a primeira peça escrita, montada e interpretada por uma trupe negra. Mas desejava o que nos seus termos formulou como a resistência ao tempo do cinema. “A minha consciência política, que se consolidara junto dos grupos de luta pela independência dos países africanos com quem me dera em Marselha [em finais dos anos 1950], e a minha experiência em Paris como imigrante permitiram-me igualmente dar o salto. Precisava de contar ao público, como o meu avô o fazia [o avô materno que ainda conhecera a escravatura], o que se passava com uma determinada população invisível.”

Não sabia então o que pudesse verdadeiramente significar *negritude* (“rejeito a negritude quando ela se resume a poesia formal, alienada da verdadeira realidade negra actual”, afirmava em 1979 à *CinémaAction*), termo que já entrara no léxico que continua em voga quando *branquitude* persiste uma palavra não dicionarizada de pouco uso. Começou a escrever *SOLEIL Ô* em 1965 e terminou-o no revolucionário 1968, um “filme vômito” (dizia em 79), “uma terapia e uma loucura” (adjectivava em 2018), cujo título é o de um cântico antilhano que versa o sofrimento dos negros levados como escravos para as Caraíbas. Filmou-o quase sem dinheiro, numa rodagem intermitente ao longo de três anos de fins-de-semana e boa vontade de actores e técnicos, e também pelas boas graças do engenheiro de som Antoine Bonfanti, que cedeu material para o filme. Em 1971, a Semana da Crítica do festival de Cannes acolheu-o, Locarno premiou-o com o Leopardo de Ouro. Depois disso, fundou a *Les Films Soleil Ô*, que produziria e distribuiria os seus filmes até *SARRAOUNIA* (1986). O título mais recente da sua filmografia é *FATIMA, L’ALGÉRIENNE DE DAKAR* (2004), mas como actor prosseguiu até 2010, sobretudo nos trabalhos de dobragem que muito o popularizaram em França e que levava muito a sério.

A voz de Med Hondo é a do narrador de *SOLEIL Ô*, que começa pela animação do genérico, numa cena de submissão colonial ao som de percussões acústicas e gritos, que cedem então a uma imagem fixa de um grupo de homens encarando a câmara de frente à boca de cena de uma sala de teatro.

“Havíamos possuído a nossa própria civilização...”, ouve-se então. No final do texto em *off*, os homens fecham os olhos e sobem ao palco, dirigindo-se a um padre ao qual cada um deles declara a língua que fala, todas diferentes. A encenação do prólogo, em que são baptizados (o cenário é agora o de uma igreja católica) e de onde saem “abençoados pelo Senhor” para serem trucidados às mãos dos colonizadores brancos, abre caminho à história do protagonista e ao naturalismo que a partir do primeiro quarto de hora marca o filme. Pelo menos até perto do final, quando o pesadelo e os suores nocturnos se instalam, e com eles o delírio e, de novo, um distanciamento de matriz brechtiana. Mas também os gritos, com o horror.

A música é esparsa em SOLEIL Ô, o ambiente sonoro cuidadosamente composto, feito “mais de ensaios de som que de música propriamente dita”, entendia Hondo ouvido a propósito em 1979. Interessava-lhe penetrar na vida interior do protagonista: o visitante interpretado por Robert Liensol (seu conhecido das lides anteriores do teatro) desembarca confiante na “doce França”, para ser irreparavelmente agredido numa série de episódios e encontros que o esvaziam e o fazem literalmente desejar fugir dali. “Nós os africanos, vimos de longe”, ouve-se ao começo. E vêm, ao que se afere do que o espera em Paris, golpe após de golpe. O semblante confiante com que o vemos desembarcar demora a encaixar a disseminação da realidade racista mais ou menos velada com que se confronta, logo na inocência da criança que lhe pergunta se tem fome e quer pão, entendida como gentil. A agressão está por toda a parte, nas dificuldades e no olhar dos outros, até ao nonsense da cena campestre e da refeição insuportável com a família de miúdos selvagens. O olhar da personagem de Liensol vai endurecendo, vai-se esvaziando, e por fim grita.

SOLEIL Ô é evidentemente um filme de resistência, de construção experimental pelos diversos registos que toca e imbrica. A percepção política do ambiente, corrompido pelo colonialismo e pelo sistema capitalista, que atira os imigrantes para lugares esconsos e infectos, é trabalhada com complexidade, cena após cena, em que a hostilidade responde à tentativa de integração em Paris, onde o recém-chegado procura trabalho, pertença, ronda os círculos intelectuais, é defraudado. Na sequência final – palavras de Hondo – “o herói jaz entre as raízes de uma árvore desenraizada: tem de reconstruir tudo a partir da base”. É um filme de 1970, e é um filme de hoje.

Maria João Madeira